

Nem sempre o mar à vista: condicionantes para o estudo do espaço literário açoriano

Autor(a): Luiz Antonio de Assis Brasil | **Saiba mais sobre o(a) autor(a)**

Tema: Língua e Literatura

Subtema: Literatura Açoriana

Referência geográfica do conteúdo: Ponta Delgada, Açores, Portugal

Data de publicação: 07/09/2008

Referência da Primeira Publicação:

ASSIS BRASIL, L.A. e TUTIKIAN, J. Mar Horizonte. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2008.

Línguas disponíveis: Português

RESUMO

Não apenas o mar é objeto das narrativas dos autores açorianos; outras modalidades de espaço são representadas: freguesias, casas, vegetação, clima, sismos etc. Consta-se, num percurso que vem desde os mais antigos autores, que o espaço açoriano sofreu uma representação que passa de um certo lirismo a um estado de percepção crítica cada vez mais acentuada; já nos dias de hoje, o o mesmo espaço literário pode chegar ao ponto de uma representação sarcástica e irônica.

CONTEÚDO

O MAR NEM SEMPRE O MAR À VISTA:

CONDICIONANTES PARA UM ESTUDO DO ESPAÇO LITERÁRIO AÇORIANO

A geografia, para nós, vale tanto quanto a história.
Vitorino Nemésio

Luiz Antonio de Assis Brasil
Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul

A representação do espaço açoriano, nomeadamente do mar, aparece como uma das mais expressivas marcas da literatura insular. De fato, ao pensarmos em uma ilha, pensamos, também, em sua circunstância geográfica mais evidente: a cercadura marítima. O mar, assim, percorre um longo itinerário de escrita, que vem desde as primeiras relações dos descobridores, encontrando seu marco inicial em Saudades da terra, do Dr. Gaspar Frutuoso e chegando até nossos dias. Neste artigo, não pretendemos realizar um estudo da representação literária do espaço açoriano, pois seria tarefa impossível dada sua amplitude; desejamos, apenas, ressaltar algumas necessárias condicionantes a esse estudo.

Qualquer pessoa que reflita sobre o tema, verá que o mar não é o exclusivo e soberano, impondo-se de modo esmagador sobre os outros índices; muito ao contrário, ganham igual ou maior relevo as descrições menos lembradas, e entre estas se incluem a vegetação, os sismos, as freguesias, as montanhas, o céu, o ar, os campos.

Tem-se como assente, na moderna teoria e mesmo nos ensaios críticos, que o espaço, enquanto referente ficcional, não é constituído apenas pela realidade geográfica em que se desenvolve a narrativa, mas também o é pelas circunstâncias morais, intelectuais, culturais, sociais e até econômicas e filosóficas; por isso não se pensa o espaço como circunscrito à descrição de uma cidade, de um rio, de uma montanha; indo além, abrangerá também o clima psicológico em que a trama se desenvolve, incluindo-se aí as contingências nem sempre visíveis de uma dada sociedade, como os preconceitos e as ações coletivas (1). Machado de Assis, como se sabe, nem sempre foi pródigo nas descrições espaciais, referindo-se à sua paisagem habitual com "na rua do Ouvidor" ou "no Largo da Carioca". Para seus leitores do século XIX, ele julgava o bastante; se isso é verdade, a paisagem das mentalidades é soberba; em Esaú e Jacó, v.g., Machado retratou, de modo impecável, a ambiência da discussão acerca do regime político pré-republicano. Claro está que tal âmbito conceitual do espaço da narrativa poderá acarretar, eventualmente, o esvaziamento de sua especificidade; será preciso, muitas vezes, retomar a discussão ontológica do espaço para que não percamos sua nitidez semântica.

Ao lidarmos com o espaço açoriano, será sempre na acepção primária, pertinente à paisagem marítima e terrestre: o oceano que envolve as ilhas, as montanhas que ocupam os horizontes, as nuvens que toldam o céu de inverno, o vento que tudo arrasta, a fauna, a flora, as cidades, as vilas, as freguesias, mas também os fenômenos tectônicos tão comuns por lá, como os sismos, os vulcões, os géiseres e as caldeiras. Todos esses itens serão entendidos como pertencentes ao espaço ficcional.

A frase que serve de epígrafe bem destaca o viver do ilhéu. Mas para que entendamos a plenitude de sua proposta, e antes de passar à Geografia, é preciso rever, brevemente, alguns aspectos da História açoriana.

Damião Peres afirma que o descobridor dos Açores é Diogo de Silves, em 1427, e nada há que o negue. Já o nome "Açores" encerra duas possíveis origens. Pela primeira, os primitivos povoadores teriam confundido os milhafres, aves de rapina abundantes nas ilhas, com os açores que voam no Portugal do continente. A denominação, assim, decorreria de um erro óptico, difícil de ser aceito pelos atuais estudiosos, que preferem a segunda versão: Gonçalo Velho Cabral - que, por ordem do Infante Navegador, fez o povoamento da ilha de Santa Maria e São Miguel -, teria com esse nome honrado a Nossa Senhora dos Açores, de sua especial devoção, e que é venerada na Aldeia Rica (Beira Alta). O assunto, ao que parece, não está encerrado, e ver-se-á seu desdobramento nos próximos anos.

Poucos anos após a descoberta, o Infante mandou lançar nas ilhas uma variedade de animais domésticos que, reproduzindo-se, iriam prover alimento, leite e transporte aos primeiríssimos povoadores, vindos do continente. Contavam-se entre estes as mais diversas etnias, como mouros e judeus. Mais tarde, em pleno século XVI, foram para lá habitantes da Flandres, que constituíram a base demográfica do Grupo Central, dando origem a várias e numerosas famílias açorianas, cujos nomes flamengos foram traduzidos ou aportuguesados: van Bruyn (Brum), van der Haagen (Silveira), van der Roosen (Rosa), van Govaert (Goulart), van Aerd (Terra).

O avanço povoador deu-se do Oriente para Ocidente. Assim, pela ordem, foram objeto de ocupação territorial as ilhas: Santa Maria, São Miguel, Terceira, Graciosa, São Jorge, Pico, Faial, Flores e Corvo.

Criu-se, no início, e assim o foi por muitos anos, o sistema de Capitânias, à semelhança da experiência brasileira. Cada ilha possuía o seu Donatário, que era representado, em pessoa (pois os Donatários não consideravam muito interessante ir para aquelas lojuras marítimas) pelos Capitães, responsáveis pela vida administrativa e judicial de seus território. Erueram-se solares brasonados, igrejas, conventos, vilas e cidades, reproduzindo, no distante arquipélago, o sistema

social vigorante no continente português.

Extinto o sistema das Capitanias, os Açores seguiram o modelo administrativo de Portugal do Continente, com Concelhos, Municípios e Distritos. Os Açores, no decorrer de sua História, foram focos de duas resistências relevantes: a primeira foi a oposição ao domínio espanhol, e a segunda, já no século XIX a resistência dirigiu-se contra o absolutismo miguelista. Nosso primeiro Imperador, após a Abdicação, como é sabido, dirigiu-se aos Açores e de lá comandou o movimento armado que veio a assegurar o trono português a sua filha, que reinou sob o nome de D. Maria I.

Após a Revolução de 25 de abril de 1974, o Arquipélago foi elevado a Região Autônoma, tal como a Madeira, sistema que pode encontrar seu símile nos Estados que constituem a federação brasileira. Há um Governo Regional (com sede na Ilha de São Miguel), uma Assembléia Regional (com sede na Ilha do Faial) e diversas Secretarias Regionais (dispersas pelo arquipélago). A economia, como se pode imaginar, foi sempre precária, com alguns surtos econômicos de prosperidade. Assim foi com o Ciclo do Pastel (vegetal próprio para a produção do azul índigo), Ciclo da Laranja, no século XVIII e XIX, Ciclo do Ananás, nos séculos XIX e XX e "Ciclo da Vaca" (grafado não sem uma ponta de ironia para caracterizar o presente ciclo, fortemente marcado pela pecuária). Isso não impediu que, desde o século XVIII os Açores experimentassem uma forte emigração, primeiramente para o Sul do Brasil (Santa Catarina e Rio Grande do Sul), e depois para os Estados Unidos (tanto para a costa Leste como Oeste) e Canadá. A emigração, por sinal, tornou-se uma das mais fortes vertentes da Literatura Açoriana pós-25 de Abril (2). Hoje, em virtude da adesão de Portugal à Comunidade Européia, os Açores são considerados tecnicamente como "ultra-periferia", com o mesmo estatuto comunitário da Madeira, Canárias e outras ilhas pertencentes a países europeus. Essa condição gera uma série de regalias, notadamente aportes financeiros a fundo-perdido. Há uma visível melhora das condições de vida dos açorianos. Reduziu-se a emigração para os Estados Unidos e Canadá. O turismo passou a receber atenção prioritária; expande-se a rede hoteleira e de serviços; abrem-se postos de trabalho, atraindo operários, especialmente do Leste europeu; intensifica-se a vida acadêmica, com a revitalização e ampliação física da Universidade dos Açores. Novos e modernos veículos de comunicação são fundados a cada ano, bem como são criadas instituições culturais: orquestras, corais, museus, academias de música, etc.

A geografia açoriana receberá, aqui, nossa especial atenção.

Fisicamente, o Arquipélago divide-se em nove ilhas, distribuídas em três grupos. A extensão, da ilha mais próxima do Continente (Santa Maria) à mais distante (Flores) é de ca. 500 quilômetros. A origem geológica de todas essas formações é exclusivamente vulcânica - daí que se trata de terreno muito instável, sujeitos a sismos (como o que destruiu oitenta por cento Angra do Heroísmo, na ilha Terceira, em 1980) e fenômenos de erupções violentas, (como o vulcão dos Capelinhos, na Ilha do Faial, em 1957). Somados os vulcões e os sismos, vemos assustadores espetáculos naturais, que fazem submergir a terra, causam o surgimento de inesperados ilhéus, arrasam prédios, dizimam plantações e causam centenas de mortos e feridos. O sobresalto é constante, e para mitigar os efeitos dessa permanente tensão, a Universidade dos Açores mantém um aparelhado Departamento de Vulcanologia, que monitora dia e noite as possíveis zonas de episódios tectônicos. À parte essas tragédias derivadas das alterações da crosta terrestre, a situação do Arquipélago, em pleno Atlântico Norte, faz com sejam frequentes os maremotos e mares encapelados, que não apenas invadem os litorais mas também impedem a navegação inter-ilhas. A origem da formação terrestre é responsável pela exiguidade de terras aráveis, o que faz elevar os preços dos imóveis rurais bem localizados - o turismo, como dissemos acima, ligado à adesão à Comunidade Européia, poderá estabelecer um quadro mais favorável. Ademais, são também frequentes os fortes ventos, mormente no inverno; com os ventos, vêm as nuvens baixas "de algodão sujo", o que confere à paisagem um aspecto desolado e úmido, capaz de provocar o fatídico "azorean torpor", o qual, como asseveram alguns, teria vitimado Antero de Quental, levando-o ao suicídio no Largo de São Francisco, em Ponta Delgada (Ilha de São Miguel). O quadro acima exposto poderá ensejar uma perspectiva muito negativa das ilhas; entretanto, os modernos meios de comunicação, originários do século XX - cada vez mais amplos -, ao lado de medidas profiláticas no plano da visibilidade de alguns eventos naturais, têm amenizado as circunstâncias decorrentes do clima e da geologia. Justamente essas condições em mutação é que a literatura narrativa (à parte a poética, por certo) terá representado.

A literatura dos Açores teve sempre no espaço das ilhas um de seus motivos composicionais mais visíveis, e isso desde sempre; daí que será importante verificar as mutações dessa representação nas obras narrativas escritas nos últimos tempos.

O ponto motivador deste artigo radica na circunstância de que estaremos tratando de um espaço sui generis, pois marcado pela insularidade. A ilha, qualquer ilha, define-se pela existência de algo irremovível e irremediável pela mão humana: o mar que tudo cerca e impõe fronteiras. Indagar em que medida essas fronteiras naturais condicionam o ser humano e - seu imaginário - é uma tarefa atribuída não apenas à economia, mas, e principalmente, às disciplinas humanísticas - em nosso caso, à Literatura.

Como afirma Lalande Gonçalves (3) (1986) esse espaço específico

...apresenta-se, então, como um sistema de valores repartido de uma forma mais ou menos complexa num campo (campo da liberdade) definido por barreiras mais ou menos rígidas. (p. 8)

O mesmo autor (4) (2000) apresenta, a seu juízo, quais seriam os componentes do território insular: a) a superfície; b) a orografia; c) a distância do continente mais próximo; d) a distância à ilha mais próxima e que define um outro conceito: o de arquipélago.

Nesta perspectiva, a "ilha", enquanto território, não é apenas definida pela sua maior ou menor superfície; ela implica uma distância em relação ao exterior e, pelos princípios gerais da percepção, é possível constatar que ... a distância organiza o campo topológico, determinando, por exemplo, um tipo de percepção (5).

Será esse tipo de percepção que deverá informar um estudo sobre o espaço insular. Tratar-se-á, naturalmente, de um espaço transfigurado pela perspectiva de quem o vê. Isso implicará não apenas na descoberta dos meios conotativo-literários que dão substância ao espaço insular, mas também, de um "percepção geográfica" mais ou menos objetiva, de modo a ser possível o cotejo entre o que é imaginário e o que é "real" ou, pelo menos, aquilo que contemplam os livros de Geografia dos Açores.

Desse modo, da percepção dos narradores sobre o espaço insular ergue-se a uma amostra da percepção do homem sobre a natureza como um todo - assunto particularmente caro às reflexões contemporâneas.

Partindo do princípio que a representação literária é tema dos mais tratados academicamente, e não desejando subestimar o conhecimento do leitor, pretendemos apenas chamar atenção para o fato de que estaremos trabalhando com um conceito operacional de representação de cariz atual, e para tanto, invocam-se as reflexões do teórico brasileiro COSTA LIMA (1980). Esse acadêmico tem colaborado para uma reelaboração do conceito da mimese clássica, trazendo-a à modernidade, mormente na obra Mimesis e modernidade (6). Costa Lima aceita a idéia aristotélica da representação, mas, afastando o entendimento habitual da simples imitação, entende-a como uma produção artística semelhante à natureza que estabelece uma diferença relativamente à realidade que supostamente representa. Assim sendo, a imitação não quer ser apenas um duplo do real, mas uma verdadeira criação artística; nessa criação, o fabulador é o poeta. Costa Lima não separa a mimeses de suas necessárias correlações receptivas. Para que haja essa recepção (essa troca produtiva entre obra e receptor), a obra deve manter coerência interna - em suma, deve ser uma verdadeira obra de arte, a qual poderá ser entendida em sua integralidade. A mimesis de produção, nesse contexto interpretativo, é um jogo de relações e possibilidades. Partindo dessa idéia norteadora, Costa Lima estabelece uma identidade entre a mimese clássica e a representação - e entre a mimese moderna e a produção. Analisando exemplarmente a obra de Jorge Luis Borges, Costa Lima demonstra que o escritor argentino estabelece uma ruptura com o real; escrevendo sua obra como um simulação de representação do "real", vem a criar uma outra realidade, esta arbitrária e que funciona como uma literatura-espelho." (7) Assinale-se que a imagem que está no espelho borgeano não é uma "cópia" ou um "reflexo puro" da realidade, mas sim adquire a forma de um labirinto. Ora, essa interação só será possível se contar com a colaboração do leitor que, com seu universo pessoal, virá a aceitar essa "realidade" e com ela dialogará, dando ensejo à produção.

(...) esta orientação por si não exige o postulado de uma leitura única como correta. Haverá uma variedade interpretativa. (...) No primeiro caso, não se coloca o fantasma do correto ou falso; trata-se de ver a leitura historicamente efetuada como

motivava por uma disposição social a ser descoberta, explorada, relacionada com a posição do leitor dentro da sociedade. No segundo caso, a esta rede analítica acrescenta-se outra: como esta disposição social leva o texto a ser interpretado, i. e., que elementos seus são realçados, quais outros são relegados a segundo plano ou nem sequer notados (8).

Tal aporte teórico deverá ganhar relevo e utilidade no plano da análise das obras literárias; dever-se-á verificar, em caráter secundário, em que medida o universo hermenêutico dessas obras transita por sua recepção, o que pode ser realizado na leitura e interpretação dos textos críticos/analíticos que envolvem o espaço na narrativa açoriana pós-25 de Abril.

Para ilustrar a preexistência de abundante material primário (novelas, romances e contos) trazemos, ainda que de maneira breve, três exemplos em que ficam nítidos os diferentes olhares literários dos narradores açorianos sobre o espaço das ilhas. Selecionamos autores pertencentes a diversas gerações literárias: Vitorino Nemésio (nascido em 1901), João de Melo (nascido em 1949) e Joel Neto (nascido em 1974).

NEMÉSIO (1983) descreve assim o espaço da ilha Terceira:

Recém-chegado à Terceira, passo uns dias na Praia, para ver os parentes, e logo volto a Angra, onde me instalo uma semana, em casa de família também. Venho achar tudo intacto: a ilha perpetuamente redonda e cinzenta no horizonte (verificação de bordo); os montes, carnudos e cinzentos, embrulhados num eterno pano de névoa; e os campos, quietos, agora da cor da palha que o Verão amadureceu, talhados aos quadradinhos nas achadas e nos vales (9).

Percebe-se aqui, e com nitidez, uma espécie de metamorfose do espaço geográfico em referente simbólico e, até, alegórico, capaz de produzir uma impressão de forte conteúdo poético. O cenário dir-se-ia diluído num espaço atemporal, o que se verifica no léxico exuberante e conotativo: "perpetuamente redonda"; "eterno pano de névoa"; "os campos, quietos". Perpassa, no fragmento citado, um forte componente de fantasia e de melancólica aproximação com a paisagem. É uma idealização em marcha, a mesma que ele dedica, por exemplo às descrições do ambiente urbanos:

É certo que desapareceram das ruas os cães de cesta na boca, que levavam os farnéis aos amos; mas ainda há um ou outro carrinho puxado por carneiro, e há, sobretudo, este velho ritmo urbano e calmo e laborioso, que não sei definir mas que é feito de recato, de seriedade e de eficiência ... Este ritmo de varandas de sacada, de rejas verdes, de carroças com um boi aos varais meneando pacientemente a comaa... de largos e ruas operosas em que tudo se regula pelo relógio da torre da Matriz e pelo melancólico urro da sereia do paquete, na doca (10).

Mesmo que se trate de uma evidente evocação da idade infantil, Nemésio percebe que o mundo antigo não acabou, apresentando, "aqui e ali", rupturas de antiguidade e passado, a acentuar a convivência de várias eras no mesmo espaço; é um mundo em transformação, mas de transformações lentas, de horas marcadas pelo sonolento tanger dos sinos. Esse não é um mundo extinto, mas que, ao contrário, ainda condiciona a percepção do homem adulto, do intelectual e do escritor que, melhor do que outros, tem o poder de ir além do olhar banal.

Já João de MELO (1987) apresenta-nos uma face menos lírica do espaço insular, conforme se vê no fragmento abaixo:

As casas encardidas do litoral, com seus tectos de colmo e adobes de uma argamassa em tudo semelhante ao barro amassado em sangue, desciam em três fiadas até o fundo do vale. Aí se enlaçavam umas nas outras, ao longo de canadas tortuosas, através das quais seria milagre a passagem de uma junta de bois atrelada ao tiro das carroças. (...) Tinham o olhar mole e aflito de toda a natureza condenada à servidão dos homens. A sua heróica e húmida tristeza não tardaria a colar-se também à parede das coisas. E, colada à parede das coisas, progrediu na sua humidade, atravessou mesmo a respiração das pedras e começou a devorar a paisagem (11).

Note-se o emprego da expressão "devorar a paisagem", em que a umidade, antropomorfizada, ganha revelo de ente autônomo e incontrolável, a deglutir o espaço insular com uma maligna persistência. Concluído o processo digestivo, nada mais restará desse espaço, que restará apenas na memória. Trata-se portanto, de um cenário desencantado, não-eterno, não-perpétuo, diverso daquele que Vitorino Nemésio descreveu.

O escritor Daniel de SÁ (1992), em obra que representa um momento importante de sua já longa carreira, muito embora mantendo um intenso componente de conotatividade poética, inclui, na visão de sua personagem, um perceptível estranhamento que, entretanto, não chega a atingir os páramos do medo.

E as ruas, que parecem o corredor de uma casa e que um burro carregado enche de parede a parede e nalguns sítios nem cabe, completam-lhe a tal idéia de mistério e de outro mundo que faz daquele lugar, onde até o próprio mar, como se já não bastasse que a ribeira que dá nome à aldeia nasce quente nas Furnas, ferva junto à praia de areia clara, por ali respirar o ventre imenso da terra nas convulsões do magma (12).

Em José Martins GARCIA (1977) esse olhar enviesado torna-se ainda mais crítico, quase cínico, a jogar com elementos-chave dos landmarks das ilhas.

Algumas vezes este arrote que faz a terra está tão encerrado nas cavernas da mesma terra que não pode sair facilmente; e como a queutura do sol penetra alguma coisa do corpo da terra, revolve as humidades das concavidades e, como não cabem juntas com as exalações em um lugar, não saem remissamente como os ordinários espíritos ou resfólegos de que se fazem os ventos; mas, com o demasiado apressuramento, não se dão espaço nem vagar, e querem sair a tropel, da maneira que sai o espírito do corpo do homem. De maneira que podemos dizer que os ventos são os ordinários arrotos e o tremor o espirro que faz a terra (13).

É nítido o desencanto do narrador com as paisagens de sua ilha. Sua insubordinação aos elementos naturais percorre um caminho de representação dessacralizante, quase obsceno, quase sacrílego, incorporando manifestações corporais humanas como elementos descritivos (arrote, espirro) o que, salvo erro, ainda não se havia praticado no terreno da narrativa açoriana. Para Martins Garcia, muito mais não há a fazer para "salvar" a paisagem, nem esse salvamento é preciso ou, até, necessário. O tema da insubordinação perante os elementos irá ter um longo caminho na obra desse autor, percorrendo as obras que se seguiram a A Fome. O sacrílego irá encontrar expressões as mais candentes que o investigador atento poderá constatar.

Um autor da geração de João de Melo, Álvaro OLIVEIRA (2000), dedica aos espaços de sua ilha uma perspectiva que vai para além da ironia, captando o momento cômico como a melhor forma de amar (e discutir) o cenário a que sés olhos tanto estão acostumados:

As cidades cresciam aos pulos como a massa sovada que Mary costumava fazer emprenhada de fermento-baguinha, desprezando as muitas horas de espera quando, na ilha, se fermentava com batata doce e ovos e o levedar se processava com paciência beneditina (14).

Em Joel NETO (2002), da nova geração de escritores, já percebemos uma perspectiva irônica a embalar as palavras do narrador-protagonista do conto "Ao fim do quebra-mar havia um peixe".

Era sábado à tarde quando eu matei Pedro Machado de Souza. Só tempos depois viríamos a mergulhar em Sesimbra (...) Estávamos na Ponta dos Rosais, com o Rio da ilha do Pico projectando a sombra pelo canal, e aquela paisagem

Estávamos na fumaça dos fogosais, com o Pico [a ilha do Pico] projectando a sombra pelo canal, e aquelas palavras saíram-me como sempre me saem as palavras quando estou diante de algo belo e inexplicável. Disse: "Isto é um silêncio tão grande que quase podíamos ouvir o sangue a correr nas nossas próprias veias" e com aquilo não pretendia outra coisa senão deixar claro que não sabia o que dizer perante todo aquele mar, perante toda aquela montanha (15)

A atentar para a impotência do narrador perante o espaço natural que seus antecessores tanto louvaram ou tornaram objeto de cinismo. O que há é isso: a impossibilidade de dizer uma palavra sobre a montanha da ilha do Pico, um dos lugares mais glamorizados dos Açores. A montanha, já de tanto falada, já de tanto escrita, acabou perdendo sua vitalidade e a capacidade de assombrar. Perante o Pico, o narrador simplesmente não sabe o que dizer. Esse cansaço ontológico, esse vazio de sentidos perante o olhar acostumado acaba por provocar apenas um inegável tédio, e uma interdição.

Em outro texto do mesmo livro ele escreverá:

Durante os dez minutos falaram os três sobre neblinas persistentes e arco-íris sobrepostos, quatro estações num dia, manhãs de Inverno e tardes de Verão, primeiro-de-Agosto-primeiro-de-Inverno e todos os outros clichês que os turistas costumam levar sobre a meteorologia dos Açores (16).

Não há mais ilusões a cultivar; não há palavras para falar do espaço das ilhas. Não há melancolia nem História - e nem expressões conotativas. Há, das palavras, tão-somente, uma ausência que tem o contraponto no silêncio. A repetir o que perpetuamente outros disseram havia séculos, o narrador pratica a desistência da expressão verbal; não porque o espetáculo seja tão majestoso que o deixe mudo (e nisso não seria diferente da grei romântica), mas simplesmente ele não sabe mais o que dizer, e sua fala saiu-lhe convencional e pobre, um clichê daqueles encontrados nos guias turísticos. E, dizemos nós, muitas vezes numa literatura secular.

Neste rudimentar e provisório esboço analítico pretendeu-se apenas propor uma estratégia metodológica para o tema das representação literária do espaço; é uma representação que vem do deslumbramento emocional, passa pela estranheza, pelo desencanto e conclui pela ironia e pelo silêncio ¹⁰ o que apenas evidencia a riqueza de possibilidades da matéria ora tratada.

REFERÊNCIAS

- MELO, João de. O meu mundo não é deste reino. Lisboa: D. Quixote, 1987.
NEMÉSIO, Vitorino. Corsário das ilhas. Lisboa: Bertrand, 1983.
NETO, Joel. O Citröen que escrevia novelas mexicanas. Lisboa: Presença, 2003.
GARCIA, José Martins. Para uma Literatura Açoriana. Ponta Delgada: Universidade dos Açores, 1987.
GARCIA, José Martins. A fome. Lisboa: Afrodite, 1977.
LALANDA GONÇALVES, Rolando. Contextos de enraizamento e processos de identificação colectiva. IN Arquipélago, Revista da Universidade dos Açores, Série Ciência Humana, Vol. VIII, n. 1, 1986, p. 67.
LIMA, Costa. Mimesis e modernidade. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1980.
MOLES. Labyrinthes du vécu, Klincksieck, Paris, 1982
OLIVEIRA, Álamo. Já não gosto de chocolates. Lisboa: Salamandra, 2000.
SÁ, Daniel de. Ilha grande fechada. Lisboa: Salamandra, 1992.
REIS, Carlos. Dicionário de narratologia. Coimbra, 1987.

NOTAS

1 Outro não é o pensamento de Carlos Reis: O espaço integra, em primeira instância, os componentes físicos que servem de cenário ao desenrolar da ação e à movimentação das personagens: cenários geográficos, interiores, decorações, objetos, etc. Em segunda instância, o conceito de espaço pode ser entendido em sentido translativo abarcando então tanto as atmosferas sociais (espaço social), como as psicológicas (espaço psicológico). REIS, 1987: 129.

2 Vide o assunto da emigração - como tema literário - tratado em pormenor em nosso livro Escritos açorianos: a viagem de regresso. Lisboa: Salamandra, 2003.

3 LALANDA GONÇALVES, Rolando. Contextos de enraizamento e processos de identificação colectiva. IN Arquipélago, Revista da Universidade dos Açores, Série Ciência Humana, v. VIII, n. 1, 1986.

4 Op. cit. In Actas do IV Congresso Português de Sociologia Coimbra, 2000. CD-ROM.

5 MOLES, A. Les labyrinthes du vécu. Paris: ABY, 1972. (trad. nossa)

6 LIMA, Costa. Mimeses e modernidade. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1980.

7 Op. cit., p. 246-247.

8 Op. cit. p. 15.

9 NEMÉSIO, Vitorino. Corsário das ilhas. Amadora: Bertrand, 1983. p. 137.

10 Idem, ibidem, p. 257.

11 MELO, João de. O meu mundo não é deste reino. Lisboa: D. Quixote. p. 13.

12 SÁ, Daniel de. Ilha grande fechada. Lisboa: Salamandra, 1992. p. 47.

13 GARCIA, José Martins. A fome. Lisboa: Afrodite, 1977.

14 OLIVEIRA, Álamo. Já não gosto de chocolates. Lisboa: Salamandra, 2000. p. 44

15 NETO, Joel. O Citroën que escrevia novelas mexicanas. Lisboa: Presença, 2002. p. 63.